

# Meus alunos não gostam de ler...

O que eu faço?

Marisa Lajolo



Ministério  
da Educação





## **Linguagem e letramento** em foco

Linguagem nas séries iniciais

# **Meus alunos não gostam de ler...**

O que eu faço?

---

**Marisa Lajolo**

*Professora titular do Instituto de Estudos da Linguagem –  
IEL/Unicamp*



**Ministério  
da Educação**



© Cefiel/IEL/Unicamp, 2005-2010

É proibida a reprodução desta obra sem a prévia autorização dos detentores dos direitos.



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO

Presidente: LUIS INÁCIO LULA DA SILVA

Ministro da Educação: TARSO GENRO

Secretário de Educação Básica: FRANCISCO DAS CHAGAS FERNANDES

Diretora do Departamento de Políticas da Educação

Infantil e Ensino Fundamental: JEANETE BEAUCHAMP

Coordenadora Geral de Política de Formação: LYDIA BECHARA

Cefiel - Centro de Formação de Professores do Instituto de Estudos da Linguagem\*

Reitor da Unicamp: Prof. Dr. José Tadeu Jorge

Coordenação do Cefiel: Angela B. Kleiman

Coordenação da coleção: Angela B. Kleiman

Coordenação editorial da coleção: REVER - Produção Editorial

Projeto gráfico, edição de arte e diagramação: A+ comunicação

Revisão: REVER - Produção Editorial; Maria Odette Garcez

Ilustrações: Fábio Sgroi

Pesquisa iconográfica: Vera Lucia da Silva Barrionuevo

\* O Cefiel integra a Rede Nacional de Centros de Formação Continuada do Ministério da Educação.

Impresso em setembro de 2005.

FOTOS: Pág. 17: *The librarian*, de Giuseppe Arcimboldo, 1566, óleo sobre tela. Pág. 19: Biblioteca de Direito da UFRJ, Rio de Janeiro. Pág. 20: Ônibus-biblioteca na Vila Buarque, em São Paulo. Pág. 21: *Repouso*, de Almeida Jr., s.d., óleo sobre tela. Pág. 28: *Sing a song for sixpence*, de Caldecott, 1880. Pág. 32: *A persistência da memória*, de Salvador Dalí, 1931, óleo sobre tela. Pág. 33: (esq.) Ilustração do livro *Slave's friend*, Anti-slavery Office, New York; (dir.) Ilustração do livro *Tom Steady, a pretty history for good children*, American Treat Society, New York (reproduzidas do livro *Pictures and stories from forgotten children's books*, de Arnold Arnold, New York, 1969).



# Sumário

## **Introdução / 5**

## **Um projeto para leitura / 6**

Começando a conversa / 6

Uma história que é de todos / 7

Uma história que é de cada um / 10

O professor no papel principal / 12

## **Implementando o projeto / 13**

Montando um projeto de leitura / 13

- Mobilizando a escola / 13
- Fazendo um balanço / 14
- Livros de muitas caras / 15
- Livros com um pouco de tudo / 15
- Folheando os livros / 16
- Começando a leitura e a discussão dos livros / 16
- Simulando a leitura da vida real / 17
- Primeiro, os livros na estante... / 18
- ...depois, os livros fora da estante / 20

## **O projeto no dia-a-dia da escola / 21**

Todos os dias são dias de leitura, mas pode haver dias especiais / 21

A leitura tem várias histórias: de dentro e de fora / 22

Devolvendo as leituras aos livros que as inspiraram / 24

Final de ano e balanço de leitura / 26

Ativando a leitura na sala de aula / 26

- Fala e leitura: aquisições parecidas / 27
- A leitura em voz alta / 28
- As muitas maneiras de ler e de fazer gostar de ler / 30

A leitura na sua classe, com seus alunos / 31

- O tempo da leitura / 32
- O espaço da leitura / 32
- Professor lê em voz alta / 32
- Alunos lêem em voz alta / 34
- Alternando modos de leitura / 34
- Lendo e escrevendo o que se lê / 35
- Documentando a leitura / 35
- Livros e leitores na escola foram felizes para sempre... / 36

**Bibliografia / 37**

**Anexo 1** – Roteiro para uma história de leitura / 39

**Anexo 2** – Histórias de leitura / 40

**Anexo 3** – Pequena antologia / 46

# Introdução

Este texto re-escreve “O professor-leitor e formador de leitores”, introdução do livro *História e histórias: Guia do Usuário do Programa Nacional Biblioteca da Escola*, PNBE/99 – Mec/SEF Brasília, de Adriana Vieira, Bárbara Heller, Carlos Minchillo, Célia Regina D. Fernandes, Cilza Carla Bignotto, Cristina Bassi, Fernando Gil, Luis Camargo, Milena Martins e Miriam Zaponne, com coordenação de Marisa Lajolo.

**S**eus alunos não gostam de ler?  
Será que não gostam mesmo?

Se não gostam, podem vir a gostar, pois gosto se aprende, sabia?

Várias campanhas voltadas para o incremento da leitura frisam aspectos prazerosos da leitura literária, como, por exemplo, que “*ler é uma gostosa brincadeira*” ou que “*a leitura é uma viagem*”. Ler é mesmo uma delícia, um grande prazer. Mas só para quem sabe, pois o prazer da leitura é um prazer aprendido.

Para gostar de ler literatura, é preciso aprender. E é de formas desse aprendizado que vamos tratar aqui.

# Um projeto para leitura

## Começando a conversa

O que fazemos na classe com nossos alunos tem muito que ver com o que fizeram conosco quando fomos alunos. Para o bem e para o mal, a história de leitura de cada um de nós — educadores de hoje — se faz presente nas atividades de leitura que desenvolvemos nas classes.



Veja, no final deste volume, os anexos 1 e 2. O Anexo 1 contém um questionário cujo preenchimento pode contribuir para o início da elaboração de uma história de leitura. O Anexo 2 apresenta textos que documentam passagens de histórias de leitura e que podem ser inspiradores das histórias de leitura a serem produzidas pelos educadores envolvidos no projeto.

A história de leitura de cada um de nós é, ao mesmo tempo, coletiva e individual. Como parte de uma história coletiva, nossa experiência de professores-leitores se articula com várias outras histórias.

## Uma história que é de todos

Nossa história de leitura — que começou quando aprendemos a ler — articula-se com a história da leitura no Brasil. O país, originalmente habitado por povos que não usavam escrita nem leitura, recebeu a escrita, trazida pelos portugueses. Mas, embora trazendo escrita e leitura para cá, Portugal dificultou muito sua difusão. A colonização portuguesa era extremamente obscurantista: tipografias eram proibidas, havia poucas escolas e um controle severo dos livros que aqui entravam.

Nossa história de leitura não tem ponto-final: tem a nossa idade e continua se fazendo. Se re-escrevendo, muitas vezes



### Para reflexão

É verdade que o brasileiro não gosta de ler?

Na tradição que se desenvolveu a partir desse começo tão pouco promissor, eram unânimes e constantes as queixas dos professores relativamente às deficiências de material escolar. E, se não havia material, que cada um fizesse o seu! No início do século XIX, por exemplo, esperava-se que os professores escrevessem os livros por meio dos quais ensinavam. Em 1809, o programa de uma escola carioca informava que:

- (...) pelo que toca a matéria do ensino, [os professores] ditarão
- as suas lições pela gramática que for mais bem conceituada,
- enquanto não formalizarem alguma de sua própria composição (...)

Marisa Lajolo e Regina Zilberman. *A formação da leitura no Brasil*.  
São Paulo: Ática, 1996. p. 150.

Ou seja, esperava-se que os professores escrevessem seus próprios livros. Aos nossos olhos, hoje, tal procedimento pode parecer improvisação.



Também naquela época as classes muitas vezes funcionavam na casa do professor, como documenta uma passagem do romance de Manuel Antonio de Almeida, *Memórias de um sargento de milícias*, de 1854, e alguns anúncios classificados de jornais da época:

■ “... sala mobiliada por quatro ou cinco bancos de pinho sujos já pelo  
■ uso, uma mesa pequena que pertencia ao mestre, e outra maior  
■ onde escreviam os discípulos, toda cheia de pequenos buracos para  
■ os tinteiros; nas paredes e no teto havia dependuradas uma porção  
■ enorme de gaiolas de todos os tamanhos e feitios, dentro das quais  
■ pulavam e cantavam passarinhos de diversas qualidades: era a paixão  
■ predileta do pedagogo. Era este um homem todo em proporções  
■ infinitesimais, baixinho, magrinho, com carinha estreita e chupada,  
■ excessivamente calvo; usava de óculos, tinha pretensões de latinista  
■ e dava bolos nos discípulos por dá cá aquela palha. Por isso era um  
■ dos mais acreditados da cidade”.

■ *Memórias de um sargento de milícias*. São Paulo: Ática, 1975. p. 39.

No Largo da Lapa nº 24, abriu-se um colégio de educação de meninas, onde se ensina a ler, escrever, contar, gramática francesa e inglesa, e a coser, marcar, bordar de todas as qualidades, dança e música.

(Gazeta do Rio de Janeiro, 16 de agosto de 1817)

Um sujeito europeu, que tendo-se exercitado nas ciências aritméticas, álgebra, geometria, pilotagem, geografia e história dá lições em casas particulares, por meio da língua francesa e italiana; e ainda ensina duas trigonometrias sem socorro algum de livros, tábuas, escalas, compassos, etc.

(Gazeta do Rio de Janeiro, 16 de fevereiro de 1820)

Fonte: Delso Renault. *O Rio antigo nos anúncios de jornais: 1808-1850*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1969. p. 62 e 70, apud Marisa Lajolo e Regina Zilberman. *A leitura rarefeita*. São Paulo: Ática, 2002. p. 110.

A história oficial da leitura escolar brasileira é também uma história marcada pela censura. Antigamente, a leitura dos professores — e sobretudo das estudantes que se preparavam para o magistério — era muito controlada. A família e a própria escola vigiavam severamente o que liam os jovens, sobretudo as jovens. Uma passagem de *A normalista*, romance de Adolfo Caminha de 1893, representa uma situação aparentemente comum na escola normal da época — um professor adverte severamente as normalistas quanto às leituras:

- “— Eu estou certo, — dizia o Berredo, convicto — de que as senho-
- ras não lêem livros obscenos, mas refiro-me a esses romances sen-
- timentais que as moças geralmente gostam de ler, umas historiazí-
- nhas fúteis de amores galantes, que não significam absolutamente
- coisa alguma e só servem de transtornar o espírito às incautas...
- Aposto eu como quase todas as senhoras conhecem a Dama das
- Camélias, a Lucíola... Quase todas conheciam.”

Mas, na história brasileira, há também muitas passagens bonitas, muitas iniciativas interessantes na relação alunos/professores/livros: alguns projetos contemporâneos de incentivo à leitura parecem retomar práticas antigas, de quando os professores escolhiam livros para presentear ao final do ano os melhores alunos, como registram algumas ilustrações de livros antigos.



## Uma história que é de cada um

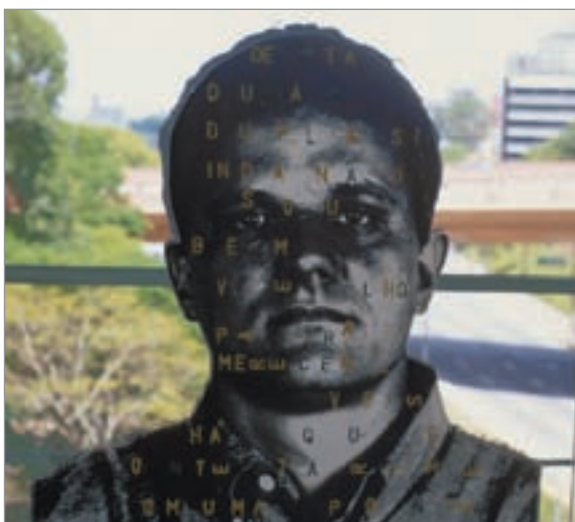
Embora a história de leitura de cada um de nós sempre se articule a uma história coletiva, ela tem, também, lances extremamente individuais, que a tornam única. São, com certeza, bastante pessoais as maneiras pelas quais cada um de nós se aproximou da leitura.

Essa aproximação da leitura — início da história de leitura de cada um — às vezes começa nas ruas, outras vezes na escola, outras em casa. As histórias de três colegas, relatadas a seguir, ilustram essa individualidade.



José Paulo Paes.  
*Um por todos (poesia reunida).*  
São Paulo, Brasiliense, 1986.  
p. 63

© Daniel Cymbalista/Pulsar



Poema na estação de metrô Sumaré, São Paulo – SP.

### ■ A leitura no meio da rua, esperando o ônibus

Flávia começou a interessar-se por palavras escritas no terminal de ônibus, quando ia com a mãe, que era faxineira, para o outro lado da cidade. Os ônibus rolavam o nome de seu ponto final e aquelas letrinhas brancas que ficavam escorrendo na tabuleta escura pareciam uma brincadeira. Quando estava de bom humor, para distrair sua filha, Filó ia lendo nomes como Vila Esperança, Jardim Sagarana, Ponte Terceira...

## ■ A escola no caminho dos livros

Com Paulo foi diferente. Ele só se ligou em livros e leituras na escola: Dona Rosa, sua professora, levava livros para a aula, e lia histórias para os alunos. Lia fazendo suspense, fazendo-os rir nas passagens engraçadas, deixando-os perceber quando era uma personagem que falava e quando era outra. Uma dia — uma sexta-feira — Paulo criou coragem e pediu para levar o livro para casa. Dona Rosa emprestou, recomendando que cuidasse bem daquele livro e que não esquecesse de devolvê-lo na segunda-feira. Naquele fim de semana, Paulo apaixonou-se pela leitura.



## ■ A leitura no ambiente familiar

Já a história de Francisca tem outro recorte: ela era filha caçula, com muitos irmãos. Lembra-se de que era miudinha, franzina, tímida. Em sua memória, os irmãos — principalmente os dois mais velhos — eram grandes e fortes. Ela nunca esqueceu do pai, que enxugava suas lágrimas de filha caçula, em quem os irmãos mais velhos queriam mandar, com a promessa: “Não chora, Chica, não chora que eu te leio uma história...”. E lia, com a filha no colo, e um livro bem velho nos joelhos.



## O professor no papel principal

Tanto os aspectos gerais quanto as histórias pessoais aqui relatadas são *flashes* de um primeiro panorama da leitura no Brasil. Esse panorama é importante para você situar nele *sua* história e as *suas* práticas de leitura.

É a partir dessa história e com essas experiências que você vai trabalhar a leitura com seus alunos, ensinando-os a gostar de ler, fazendo nascer neles o gosto pela leitura.

Qualquer que tenha sido a sua história de leitura, ela pode ser transformada. Aqui e agora. Por você, para você e para seus alunos.

A escola é fundamental para aproximar dos livros a criança e o jovem. É na escola que os alunos precisam viver as experiências necessárias para, ao longo da vida, poderem recorrer aos livros e à leitura como fonte de informações, como instrumento de aprendizagem e como forma de lazer. E você é a figura-chave para que a leitura chegue às mãos, aos olhos e ao coração dos alunos. Dos *seus* alunos.



# Implementando o projeto

## **Montando um projeto de leitura**

A escola toda — e cada professor em sua classe — precisa incluir a leitura em seu projeto pedagógico.

Para que a leitura cumpra o papel que precisa cumprir na vida dos alunos, a escola não pode ter como padrão uma leitura mecânica e desestimulante. Ao contrário. A escola pode e precisa tornar seus alunos capazes de uma leitura abrangente, crítica, inventiva. Só assim os livros farão sentido na vida deles. E só assim a escola estará ensinando seus alunos a usarem leitura e livros para viverem melhor. Por isso, a organização de um projeto de leitura para a escola é fundamental.

Há diferentes maneiras de implementar um projeto que dê à leitura papel central. Algumas dessas maneiras são sugeridas nas propostas a seguir.

### ■ **Mobilizando a escola**

Convide os professores para discutir a proposta de tornar a leitura atividade central do projeto pedagógico. Essa discussão pode

ter por objetivo responder à pergunta: “Como podemos trabalhar melhor a leitura com nossos alunos? Dê uma sugestão concreta de como fazer isso”.



A busca de respostas começa por uma discussão sobre a importância da leitura ou pela reflexão sobre diferentes histórias de leitura. No Anexo 2 você encontra alguns textos que podem inspirar a discussão. Escolha um, faça cópias dele e as distribua a todos os participantes.

### ■ Fazendo um balanço

Para começar, a escola precisa de livros. Muitos e bons. É preciso que todos na escola fiquem sabendo com que livros podem contar para desenvolver um projeto de leitura. E é preciso também que todos na escola — sobretudo os professores (mas não exclusivamente os de português) — tenham familiaridade com os livros com os quais vão trabalhar. Ter familiaridade quer dizer *conhecer os livros da capa para dentro*.

No Anexo 3, no final deste livro, há uma pequena antologia de textos que se encontram em domínio público. Os professores podem também valer-se dos textos distribuídos às escolas pelo MEC. Talvez alguns autores contemporâneos cedam textos para o projeto. Há também entidades que subvencionam projetos de doações de livros. No final da seção Bibliografia há, também, uma lista de sites de organizações que trabalham com leitura e que podem ser nossas parceiras.

## ■ Livros de muitas caras

Sua escola já dispõe de vários acervos: os livros do PNBE, que estão na escola; os livros da coleção “Literatura em minha casa”, que estão na escola e — se seus alunos têm irmãos mais velhos — na casa deles. Desde 2000 o MEC vem distribuindo livros a alunos da escola pública. Você pode usá-los para iniciar um projeto de leitura.

Quaisquer que sejam os livros com que sua escola vai trabalhar, eles serão uns diferentes dos outros: tratam de diferentes assuntos, têm tamanhos diferentes, são escritos em diferentes estilos, alguns são ilustrados em cores, outros em branco e preto, outros nem são ilustrados. Uns



© Eduardo Santalestra

foram escritos há muito tempo, outros são recentes. Muitos são brasileiros, e muitos vêm de diferentes partes do mundo. O importante é que nas páginas deles se encontra uma amostra de tudo o que hoje está disponível para leitura das crianças: vários tipos de poesia, brincadeiras com palavras, histórias de fadas, fábulas, histórias de aventura, lendas... Em resumo, são livros para rir e para chorar, para brincar e para aprender.

## ■ Livros com um pouco de tudo

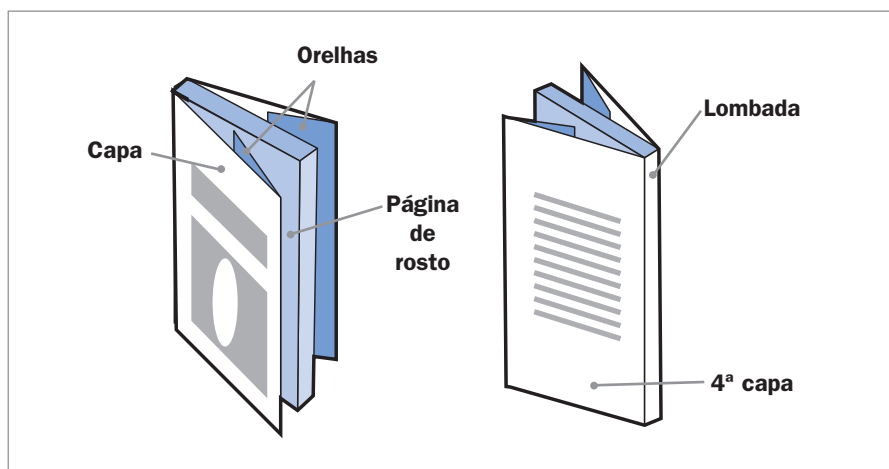
Um bom acervo de leitura para crianças é uma espécie de cartografia do Brasil e do mundo: tem história de gente, de bicho e de planta. De gente de toda parte do mundo e de todos os cantos do Brasil:



índio, caipira, migrante, branco, imigrante, negro... História de pai, de mãe, de pai novo e de mãe nova, de avô e de avó, e até de bisavô e bisavó. História de letras e de números. De reis e de fadas, de meninas e meninos, de professores e de alunos. Enfim, tem de tudo.

### ■ Folheando os livros

Leve para uma reunião de planejamento alguns dos livros com que vocês vão trabalhar. Faça-os circular de mão em mão. Organizando a reunião, prepare um comentário sobre o título de alguma das obras, uma observação sobre a capa de outra. Prepare-se para contar ou ler um pedaço de uma história de um livro, ou faça cópias de algum poema para ler e comentar com os professores.



### ■ Começando a leitura e a discussão dos livros

Ainda na reunião de planejamento, estimule todos os professores (se forem muitos, divididos em grupos), enquanto pegam e folheiam os livros, a prestarem atenção especial à capa, ao nome do autor e às ilustrações. Incentive-os a discutir as expectati-



vas criadas por esse primeiro contato: o que esperam encontrar em um livro com tal título, com tal capa e com tais ilustrações? E o que esperam de um livro de tal autor? Tomar consciência desse primeiro grau de leitura vai ajudar os professores a discutir com os alunos as diferentes linguagens que se lêem quando se lê um livro.

Na mesma reunião de planejamento, dê um jeito para que todos os professores leiam alguns trechos de alguns livros. A leitura em diagonal — como a que fazemos com uma revista que acabamos de pegar, mas que ainda não vamos ler — cria expectativas do que vamos encontrar quando formos “ler de verdade” o texto.

© Skoklosters Slott, Bålsta, Estocolmo, Suécia



### ■ Simulando a leitura da vida real

Discuta com os professores como a leitura se realiza fora da escola; na “vida real”, as pessoas procuram ler o que interessa a elas, o que acham que pode ajudá-las, que pode ensinar-lhes o que precisam saber, o que pode interessá-las, o que pode divertí-las. Capa, título e autor de um livro criam expectativas a respeito de seu conteúdo. Além disso, os leitores trocam informações sobre livros que leram. E é com base tanto em necessidades e expectativas quanto em informações de amigos que, muitas vezes, decidimos ler um ou outro livro.



“— Ai, ai! — suspirou Emília. Quem me dera ter um cavaleiro andante que corresse mundo berrando que a mais linda de todas as bonecas era a Señora Emilia de Rabicó (...) poderia de repente aparecer um Cervantes que contasse a história em um livrão como este, e me deixasse célebre no mundo inteiro, como ficou a Dulcinéia.”

“— Exigente! Você já anda bem famosinha no Brasil inteiro, Emília, de tanto o Lobato contar as suas asneiras. Ele é um enjoado muito grande. Parece que gosta mais de você do que de nós!”

Monteiro Lobato, *Dom Quixote das crianças*.  
© Monteiro Lobato – Todos os direitos reservados.

Folhear livros e discutir expectativas de leitura é uma forma de trazer as leituras para a nossa vida. Proponha que os professores, orientadores, bibliotecários, coordenadores — enfim todos os profissionais envolvidos com o dia-a-dia do ensino — leiam alguns livros do acervo e troquem impressões de leitura. Pondo-se no lugar de uma personagem, avaliando a ação de outra. Como se faz com capítulos de novela e com filmes.

Todas essas opiniões podem ser registradas em um caderno. Assinadas ou anônimas, elas fazem parte dos documentos do projeto de leitura da escola: serão o começo do registro de uma história da leitura.

#### ■ **Primeiro, os livros na estante...**

Uma vez que a escola já tenha conseguido e organizado um acervo de livros e se familiarizado com ele, é preciso torná-lo aces-

sível. Se a escola já tem biblioteca ou sala de leitura, muito bom: ela já deve ter um espaço e uma praxe de procedimentos para empréstimo dos livros. Se a escola ainda não dispõe de nada disso, pode começar com a montagem de uma estante, ainda que improvisada. As estantes precisam ficar em algum lugar da escola que seja seguro, mas ao qual toda a comunidade escolar tenha acesso, segundo as regras que para isso forem estabelecidas pela própria comunidade. Caixotes de madeira ou caixas de papelão permitem que os livros sejam dispostos com a lombada para fora, de modo que se possa ler o título de cada livro.

O *Manual Básico da Biblioteca da Escola*, do MEC, disponível no site do curso “Projetos para a Formação de Leitores”, do Cefiel, ensina a organizar de maneira simples um espaço adequado para livros e leitura na escola.

Não se esqueça: é muito importante que os alunos também se envolvam com a organização e a manutenção dos livros, com os cuidados necessários para conservá-los e recuperá-los, se for o caso, e talvez até com o controle do seu empréstimo e sua devolução.



© Paulo Jares/Tyba

**Moderna biblioteca de faculdade do Rio de Janeiro.**



**Ônibus-biblioteca em rua de São Paulo.**

■ **...depois, os livros fora da estante**

É preciso que toda a comunidade escolar planeje e desenvolva atividades específicas de leitura para *todos* os alunos. De *todas* as classes. Ao longo de *todo* o ano. Tais atividades precisam fazer parte do planejamento escolar, isto é, precisam ser agendadas com antecedência para cada classe, para que todos se preparem e para que — se for o caso — os livros do acervo possam circular de forma harmoniosa entre diferentes turmas.

# O projeto no dia-a-dia da escola

## Todos os dias são dias de leitura, mas pode haver dias especiais

Depois de a escola já ter estabelecido seu projeto de leitura, organize (por exemplo, no começo do segundo bimestre) um “Dia da Leitura”. Dia letivo, claro, mas dia de festa. Nesse dia, professores, merendeiras, administradores, orientadores — em suma, diferentes membros da comunidade escolar — contam suas histórias de leitura. Os alunos também, é claro!



Os textos reproduzidos no Anexo 2, além de inspiradores de histórias de leitura, podem ser apresentados alternadamente com as histórias dos educadores.

© Coleção Particular, Rio de Janeiro



Dê um jeito de gravar o que contam para poder, posteriormente, transcrever os relatos. Transcrevendo-os, sua escola disporá de um material precioso para a escrita da história de leitura da escola. Essa será uma *história interna*, da escola — que com isso se prepara para coordenar o registro de outras histórias, *externas*.

## **A leitura tem várias histórias: de dentro e de fora**

Em outro bimestre, você poderá organizar um “Dia da história de nossas leituras”, no qual educadores de sua escola alternem, com outras pessoas da comunidade, o relato de suas experiências de leitura. Se puder ser em torno de um ou de alguns livros do acervo, melhor.

Como anteriormente, alguns dos depoimentos transcritos no Anexo 2 podem ser úteis para animar a atividade. Podem, por exemplo, ser reproduzidos em cartazes que serão utilizados para a divulgação do evento ou em convites para esse evento.

Veja, a seguir, dois relatos interessantes:

- “(...) comecei a ler: ‘Numa casinha branca, lá no sítio do Picapau Amarelo...’. E quando cheguei no fim do livro, eu comecei tudo de novo, numa casinha branca, lá no sítio do Picapau Amarelo, e fui indo toda a vida outra vez, voltando atrás num capítulo, revisitando outro, lendo de trás para frente, e aquela gente toda do sítio do Picapau Amarelo começou a virar a minha gente. Muito especialmente uma boneca de pano chamada Emília, que fazia e dizia tudo o que vinha na cabeça dela. A Emília me deslumbrava! Nossa, como é que ela teve coragem de dizer isso? Ah, eu vou fazer isso também!
- Mas longe de imaginar que eu estava vivendo o meu primeiro caso de amor.”

Lygia Bojunga Nunes, *Livro*. Rio de Janeiro: Agir, 1990. p. 11-13.

■ “Um dia, lecionando para uma turma de 3º ano de ensino médio,  
■ eu estava sem qualquer disposição de continuar a lição do livro  
■ didático. Tive a idéia de ler um texto que estava no meio dos meus  
■ papéis, o conto ‘A terceira margem do rio’, de Guimarães Rosa.  
■ Antes de ler em voz alta propus aos alunos que elucidassem o mis-  
■ tério do ‘paradeiro’ do pai na estória. Inicialmente houve apatia de  
■ muitos e uma má vontade generalizada da sala em ouvir uma  
■ ‘estória chata’, segundo eles. Mesmo assim insisti. Li devagar,  
■ fazendo todas as entonações. Minha voz se embargava à medida  
■ que eu me emocionava com o texto, e meus olhos enchiam-se de  
■ lágrimas. A emoção tomou conta da sala. Enquanto a narrativa  
■ prosseguia, vi um aluno de 18 anos apoiar a cabeça sobre a car-  
■ teira e desmanchar-se em lágrimas. Outros jovens choravam. Ao  
■ terminar a leitura perguntei o que havia de marcante no conto e  
■ foram unânimes ao dizer que era a ausência do pai. Começaram  
■ a falar sobre a beleza da estória e descobri que a maioria não  
■ havia conhecido a figura do pai. Alguns haviam ficado órfãos cedo,  
■ mas muitos eram filhos de pais ‘desconhecidos’ ou que haviam  
■ abandonado o lar. Fiquei surpreso com seu desejo de querer  
■ ouvir e ler mais textos de Rosa e outros escritores. Passamos a ler  
■ e discutir textos de autores como Clarice Lispector e Lygia  
■ Fagundes. Pouco a pouco, meus alunos começaram a agir crítica-  
■ mente elogiando ou não as leituras, preferindo ou preterindo este  
■ ou aquele texto ou escritor. Minha fuga do rígido currículo havia  
■ valido a pena: todos se envolveram.”

■ Luiz Marques, professor de Língua Portuguesa em escolas públicas de São  
■ Paulo e mestrando da Faculdade de Educação da USP.  
■ (© 2003. Instituto Fernand Braudel de Economia Mundial)

Também como no evento anterior, registre os depoimentos. Grave a atividade para depois recuperar por escrito as falas todas. Quem sabe algum jornal ou alguma rádio da cidade ajudam...



Transcritos em um livro tipo “livro de ata”, o registro dos depoimentos será o começo do livro da história de leitura de sua escola ou mesmo da comunidade à qual a escola pertence. Constituirá um *Diário de leitura*. Alunos, professores, pais, funcionários — todos devem ter acesso a esse diário, para nele registrarem suas impressões de leitura.

Agora a história de leitura de sua escola é parte de uma história maior: a história de leitura da comunidade.

### **Devolvendo as leituras aos livros que as inspiraram**

Os registros das histórias de leitura são, como vimos, muito importantes para que a escola — e cada educador — tome pé da situação em que trabalha. Mas esses registros de leituras podem ter, também, outras utilizações. Alguns podem, por exemplo, ser transformados em *orelhas* dos livros mencionados nas histórias de leitura. Na aula de artes, podem ser produzidas capas para os livros do acervo. Nessas capas aparecerão, também, as orelhas.



Fazer capas permite discutir com os alunos a necessidade de respeitar e preservar a *coisa pública* — no caso, um acervo de livros.

Lido e discutido o livro, feita a capa, uma ou várias opiniões sobre o livro podem ser reproduzidas numa orelha. É uma forma de compartilhar a leitura com outros leitores.

## Poema-orelha

Esta é a orelha do livro  
por onde o poeta escuta  
se dele falam mal  
ou se o amam.  
Uma orelha ou uma boca  
sequiosa de palavras?  
São oito livros velhos  
e mais um livro novo  
de um poeta inda mais velho  
que a vida que viveu  
e contudo o provoca  
a viver sempre e nunca.  
Oito livros que o tempo  
empurrou para longe  
de mim  
mais um livro sem tempo  
em que o poeta se contempla  
e se diz boa-tarde  
(ensaio de boa-noite,  
variante de bom-dia,  
que tudo é o vasto dia  
em seus compartimentos  
nem sempre respiráveis  
e todos habitados enfim).  
Não me leias se buscas  
flamante novidade  
ou sopro de Camões.

Aquilo que revelo  
e o mais que segue oculto  
em vítreos alçapões  
são notícias humanas,  
simples estar-no-mundo,  
e brincos de palavra,  
um não-estar-estando,  
mas de tal jeito urdidos  
o jogo e a confissão  
que nem distingo eu mesmo  
o vivido e o inventado.  
Tudo vivido? Nada.  
Nada vivido? Tudo.  
A orelha pouco explica  
de cuidados terrenos:  
e a poesia mais rica  
é um sinal de menos.

Carlos Drummond de Andrade. *A vida passada a limpo*.  
Poesia completa e prosa. Rio de Janeiro: Aguillar, 1973. p. 293.

## Final de ano e balanço de leitura

O conjunto das atividades propostas pode desembocar numa última atividade (no último bimestre, talvez), na qual se apresente, a toda a comunidade escolar, um *Memorial de leitura da escola*. Escrito num livro do tipo *livro de ata*, no qual foram registrados todos os depoimentos, esse livro poderá ser orgulhosamente acrescentado ao acervo da biblioteca/sala de leitura da escola. Essa atividade pode constituir um belo encerramento para o ano letivo, combinada com a abertura de uma feira de livros, com uma palestra de algum escritor convidado ou com a discussão de um filme que tematize a leitura (veja sugestões no quadro), ou ainda com a exposição dos trabalhos que os alunos fizeram a propósito da leitura dos livros do acervo.

Esse pode ser também o momento de apresentar um projeto para que, durante as férias, seja incentivada a leitura da comunidade, freqüentando a escola e usufruindo dos livros.

### Filmes que tematizam a leitura

**Brasileiros:** *Mulher fatal encontra homem ideal* (Dir. Carla Camuratti, 1985); *Central do Brasil* (Dir. Walter Salles, 1988); *Cruz e Sousa, o Poeta do Desterro* (Dir. Sylvio Back, 1999); *Babilônia 2000* (Dir. Eduardo Coutinho, 2000); *O homem que copiava* (Dir. Jorge Furtado, 2003).

**Estrangeiros:** *Nunca te vi, sempre te amei* (84, *Charing Cross Road*; Dir: David Jones, 1986); *O nome da rosa* (*The name of the rose*; Dir. Jean Jacques Annaud, 1986); *Sociedade dos poetas mortos* (*Dead Poets Society*; Dir. Peter Weir, 1989); *O carteiro e o poeta* (*Il postino*; Dir. Michel Radford, 1995); *Mens@gem para você* (*You've got mail*; Dir. Nora Ephron, 1998); *História sem fim* (*The neverending story*; Dir. Wolfgang Petersen, 1984); *A bela e a fera* (*Beauty and the Beast*; Estúdios Disney, Dir. Gary Trousdale e Kirk Wise, 1991).

## Ativando a leitura na sala de aula

Todas as atividades de leitura até aqui sugeridas e discutidas são coletivas, e devem envolver a escola toda. São, por assim dizer,

de âmbito *institucional*. Mas, para que esse projeto institucional de leitura escolar se concretize, a leitura precisa estar muito presente no dia-a-dia da sala de aula. Só assim ler vai desempenhar papel cada vez mais importante na vida dos seus alunos. Não só na vida escolar deles, mas também na vida deles fora da escola.

© O'Brien Productions/Corbis-Stock Photos



© Catherine Ledner/Stone-Getty Images



Como já vimos nas histórias de leitura, alunos que têm professores que gostam de ler de verdade e que acreditam na leitura têm mais chances de também gostar de ler.

Como a mãe de Flávia, a professora de Paulo e o pai de Francisca, e como o pai e a vizinha de Sydnea ou os avós de João Paulo (veja relatos no Anexo 2), você será uma figura inesquecível na história de leitura de seus alunos. Inesquecível porque essencial. Essencialíssima, aliás, como foram essenciais os adultos com os quais você aprendeu a falar. Pois, sob certos pontos de vista, o gosto e a familiaridade com a leitura se desenvolvem de uma maneira parecida com a maneira pela qual uma criança aprende a falar a língua de sua terra.

#### ■ **Fala e leitura: aquisições parecidas**

Todos nós aprendemos a falar. E quase todos pudemos e podemos observar crianças aprendendo a falar. Aprender a falar

é a primeira, a mais fundamental e talvez mais bela aprendizagem *social* do ser humano. Aprendemos a falar ouvindo, deduzindo regras muito sofisticadas a partir da fala que nos cerca, levantando hipóteses, reajustando-as de acordo com o retorno que temos de quem nos cerca. Ninguém aprende a falar sozinho.

Uma criança aprende a falar falando. Isto é, falando e ouvindo. Toda criança aprende a falar sua língua sem dicionários, sem gramáticas, sem escola. Aprende a falar interagindo com outras pessoas que, falando com ela, fazem com que ela desenvolva sua capacidade inata de fala, aprendendo sua língua materna.



De forma parecida, é quando vemos e ouvimos pessoas lendo, quando participamos de ambientes em que livros e leituras se fazem presentes, que nos tornamos leitores.

Assim como, falando conosco em uma determinada língua quando éramos pequenos, adultos e crianças mais velhas nos ensinaram a falar essa língua, é em situações coletivas de leitura que nos tornamos leitores. Por isso é preciso ler muito (e bem) *com e para* os alunos.

### ■ A leitura em voz alta

Quando lemos em voz alta para um grupo de pessoas — uma classe, por exemplo — somos (literalmente) *porta-vozes* do texto que estamos lendo. A responsabilidade de quem está lendo aumenta muito quando apenas essa pessoa dispõe de uma cópia do texto. É através da



© Extraído de "A Treasury of Great Children's Book Illustrators", de Susan E. Meyer

voz dessa pessoa — e exclusivamente através dela — que cada um dos ouvintes tem contato com o texto.

Observe, por exemplo, como a figura da contadora de histórias é valorizada na tradição brasileira. O escritor José Lins do Rego, em seu livro de memórias *Meus verdes anos*, recorda a velha Totonha. A recordação liga-se a um período difícil da vida do menino, quando ele estava doente, acamado:

- “A velha Totonha amanhecera na casa grande. A Tia Naninha pediu
- para ela ficar comigo no quarto meio escuro. A velhinha valia para
- mim mais do que todos os vomitórios. Aos poucos as princesas e
- os príncipes, o rei e a rainha, as moças encantadas começavam a
- viver no meio de todos nós. A voz macia da velhinha fazia andar
- um mundo de coisas extraordinárias (...)
- A velha Totonha trazia na memória os versos de Donana dos cabe-
- los de ouro. A voz fanhosa repetia as estrofes. Era a história de
- um marido que fora nas cruzadas arrebatado dos infiéis a terra de
- Deus. (...) As cenas dos encontros eram vividas pela velha Totonha
- com todos os tons de voz.”
- José Lins do Rego, *Meus verdes anos (Memórias)*. 2.ed. Rio de Janeiro: José
- Olympio, 1957. p. 196-8, apud Marisa Lajolo e Regina Zilberman, *A forma-*
- *ção da leitura no Brasil*. São Paulo: Ática, 1996. p. 215-6.

Quando lemos em voz alta, podemos — por assim dizer — *dirigir* as reações dos ouvintes, fazendo, por exemplo, uma leitura mais dramática ou mais irônica. E podemos também — infelizmente — matar o interesse pela leitura se fizermos uma leitura monótona, gaguejada ou mecânica.

Lendo bem *com* e *para* seus alunos, favorecerá que eles aprendam a ler com desenvoltura. Quando se lê com desenvoltura, quem ouve a leitura pode se envolver nas emoções e sentimentos que uma boa história provoca. Ou pode entender direitinho tudo que um texto informativo traz. Ou pode posicionar-se em relação aos valores (éticos, morais, políticos, religiosos...) que o texto apresenta.

## ■ As muitas maneiras de ler e de fazer gostar de ler

Antes de planejar atividades de leitura para seus alunos, lembre-se de como você lê. Recorde sua história de leitura. Evoque a maneira como você se iniciou na leitura, e como lê hoje. Vivemos todos lendo diferentes tipos de textos, lendo em diferentes situações, lendo com diferentes finalidades.

Lemos de maneira diferente um catálogo de editora, um livro didático, um ofício da Supervisão Regional de Ensino. Lemos de maneira diferente um jornal diário, um livro religioso, uma revista semanal ou um romance. Mais ainda: ao ler um jornal, lemos de maneira diversa o editorial, os classificados, e a notícia de um descarrilamento de trem muito além do fim-do-mundo.



Quanto a livros, lemos diferentemente um romance, um livro de auto-ajuda, a biografia de alguém que admiramos muito... E lemos também de outra maneira um manual de instruções para instalar um DVD.

Observe como lemos também de maneiras diferentes a prova de um aluno e o bilhete da mãe de outro aluno; ou uma bula de remédio, uma letra de música de que gostamos, um verbete de dicionário... Ou seja: sua própria experiência lhe mostra que nin-



guém lê tudo do mesmo jeito. Aliás, como já vimos, os textos nem sempre se parecem uns com os outros: alguns têm letras grandes, outros, pequenas; alguns têm linhas e frases curtas, outros, frases e linhas longas. É por causa dessas diferenças que cada tipo de texto exige comportamentos diferentes do leitor. Alguns podem ser lidos “por alto”, enquanto se faz outra coisa; outros pedem mais atenção. Alguns textos são compreensíveis já numa primeira leitura, enquanto outros pedem mais esforço e leituras repetidas.



Como leitores experientes aprendemos — e aprendemos quase sem prestar atenção — a reconhecer diferentes tipos de texto e a ajustar nossa leitura a eles.

Prestando atenção a como, na vida diária, você lida com diferentes situações de leitura, você vai conseguir monitorar melhor a forma pela qual seus alunos lidam com diferentes tipos de texto.

## **A leitura na sua classe, com seus alunos**

Lembre-se sempre de que o projeto é desenvolver a leitura: *desenvolver o gosto pela leitura e a competência nela.*

Assim, recortar papel, contar história, desenhar, fazer teatrinho e atividades similares não têm um fim em si mesmas: são *atividades-meio*, instrumentos para desenvolver a leitura.

© Laerte





## ■ O tempo da leitura

Estabeleça um horário semanal de leitura. Não menos do que duas vezes por semana você deve ter um tempo de aula reservado para leitura, em classe, dos seus alunos, com eles e/ou para eles.

O tempo dessas atividades de leitura não deve ser menos de trinta minutos, ou não dará para ler um trecho significativo, nem para desenvolver uma atividade com começo, meio e fim.

Essa atividade de leitura não deve ser realizada imediatamente antes do recreio nem deve ser a última atividade do dia. Afinal, ninguém quer que os alunos leiam olhando para o relógio, doidos para largar o livro e sair da classe...



## ■ O espaço da leitura

A organização do espaço da classe é importante para o sucesso das atividades de leitura. Vale a pena tentar estabelecer um clima de informalidade para essas atividades. Como será que dá mais certo? Mantendo as carteiras na posição de sempre, ou afastando-as para fazer uma roda? Ou será melhor deixar os alunos sentarem no chão? Converse com a classe e decida.

## ■ Professor lê em voz alta

Leia para seus alunos.

Lendo *com* e *para* seus alunos você estará dando a eles um *modelo* de leitura oral. Esse modelo precisa ser ótimo. Saber ler em público, mantendo a atenção dos ouvintes e tornando-os receptivos ao que estão ouvindo é fundamental.

Se achar necessário, ensaie sua leitura. Para que se entenda o que alguém lê, é necessário que quem lê leia bem. É necessário que a leitura não seja corrida, não engolir palavras, não tropeçar nem gaguejar. Que a leitura não seja feita mecanicamente. Prosa ou poesia, é preciso caprichar na entonação: respeitar pausas (pontos, vírgulas), pontos de interrogação, pontos de exclamação e reticências. Afinal, é pela voz do leitor que os ouvintes vão ler o texto!

Crianças até dez ou doze anos gostam muito de ouvir histórias. Mas, além de contar histórias, *leia* histórias para elas. Escolha um livro do acervo. Anuncie que vai lê-lo. Mostre a capa. Pergunte que história eles acham que aquele título anuncia. Quando estiver lendo, interrompa de vez em quando a leitura e pergunte o que eles acham que vai acontecer.

Peça sempre que os alunos comentem o que ouviram ler. Comentar a leitura é uma boa forma de incentivar o leitor a “fazer sentido” do que lê ou do que ouve ler. Ler e ouvir *entendendo* ensina que leitura não é mera sucessão de sons ou de letras.

Uma boa idéia é gravar algumas de suas leituras. A gravação vai ajudar você a aprimorar seu modo de ler, e — de troco — ainda pode constituir um banco de leituras que circule pela escola.



## ■ Alunos lêem em voz alta

Depois de várias sessões em que você foi o leitor para a classe, proponha que os alunos sejam os "leitores". Incentive que todos sejam "leitores" pelo menos uma vez por bimestre. Marque com antecedência quem vai ler, quando e o quê. Ensine aos alunos que, pelo menos no começo, para ler bem é preciso treinar: só um leitor maduro consegue ler, com desenvoltura, um texto com que está tendo contato apenas na hora da leitura.

A classe também precisa aprender a ouvir. Tolerância e respeito pelo próximo também se aprendem com a leitura. Livre da tarefa da leitura, você poderá gerenciar melhor as necessárias atitudes de disciplina e respeito em situação de leitura coletiva.

## ■ Alternando modos de leitura

Como já vimos, há vários modos de ler. E a escola precisa familiarizar os alunos com todos eles. Alterne a leitura oral coletiva (um aluno lê para toda a classe), com leitura em duplas (um aluno lê para outro) e em grupos (um aluno lê para alguns colegas). Proponha também atividades de leitura solitária, individual.

Lembre-se, porém, de que a leitura individual, silenciosa, ao mesmo tempo que permite que cada leitor leia no seu ritmo, também pode favorecer a distração e o conseqüente abandono da leitura.

Preste atenção a isso, e garanta que todos efetivamente leiam.



© Lara Venanzi/Kino



© Britt Erlanson/The Image Bank  
Getty-Images



© Paul Simcock/Iconica-Getty  
Images

### ■ **Lendo e escrevendo o que se lê**

Organize com os alunos mais velhos atividades nas quais a classe tenha que *tomar notas* dos pontos principais de um texto que esteja sendo lido em voz alta.



Proponha que os alunos comuniquem a alguém que *não ouviu* a leitura do texto as informações nele contidas. Ou que recontem uma história que ouviram ler para alguém que não ouviu a leitura. Tomar notas é fundamental para que o relato seja o mais fiel possível: é preciso não esquecer nenhum item e manter a seqüência deles.

A atividade se torna verossímil se metade da classe sair da sala e, ao retornar, contar exclusivamente com a informação dos colegas para inteirar-se do que foi lido. Essa é uma atividade muito adequada para ser desenvolvida em duplas.

Aprender a tomar notas do que se ouve é utilíssimo em diversas ocasiões dentro e fora da escola.

### ■ **Documentando a leitura**

Assim como foi feito (e pode-se continuar fazendo ao longo de todo o ano...) com a história de leitura dos educadores, todas as atividades desenvolvidas com seus alunos podem e devem ser

documentadas. Essa documentação inclui o registro de opiniões dos alunos sobre os livros lidos, a reprodução de trechos de livros considerados significativos pelos alunos, cartas enviadas pelos alunos a escritores e eventuais respostas, fotografias da classe lendo, histórias com os finais re-escritos pelos alunos, textos produzidos por eles a partir de leituras etc.

Jornaizinhos, murais, quadros de avisos podem ser fontes de informações e documentação da leitura que ocorre na escola. Esse material representa um *Memorial da Leitura da Classe*. E soma-se a todos os outros memoriais construídos pela escola.

© Cortesia do CEDAE/IEL/UNICAMP



**Caderno de recordações de  
Nise Terezinha C. Martins, da década de 1930  
(do acervo do CEDAE/Unicamp).**

## **Livros e leitores na escola foram felizes para sempre...**

O conjunto de documentos — dos alunos, dos educadores e da comunidade — registrando o trabalho de leitura desenvolvido ao longo do ano escolar é muito importante. É fundamental para avaliar o que já foi feito e planejar realisticamente a continuidade do trabalho no próximo ano letivo. É importante para todos, inclusive para você. Aliás, sobretudo para você. É a história de *seu* trabalho. De *sua* participação na história de leitura de *seus* alunos, de *sua* escola, de *sua* comunidade.

No final desse processo, medite um pouco sobre a pergunta que deu nome a este trabalho... Você continua achando que seus alunos não gostam de ler?

# Bibliografia

CUNHA, Antonieta Antunes. *Literatura infantil: teoria e prática*. São Paulo: Ática, 1999.

- ▶ Trata-se de um livro que alia reflexão teórica sobre o gênero “literatura infantil” ao relato de experiências voltadas para a formação de leitores.

LAJOLO, M. e ZILBERMAN, R. *A formação da leitura no Brasil*. São Paulo: Ática, 1999.

- ▶ Trata-se de um livro que discute as práticas de leitura vigentes no Brasil em diferentes épocas e sua articulação com a literatura e com a escola.

\_\_\_\_\_. *Literatura infantil brasileira: história e histórias*. São Paulo: Ática, 1999.

- ▶ Trata-se de um livro que estuda o percurso cumprido pela literatura infantil brasileira desde seu surgimento, ainda no século XIX, até os anos setenta do século XX. A produção literária posterior a essa época pode ser estudada no livro de Regina Zilberman, *Como e por que ler a literatura infantil brasileira*. Rio de Janeiro: Objetiva.

PERROTTI, Edmir. *Confinamento cultural, infância e leitura*. São Paulo: Summus, 1990.

- ▶ Trata-se de um livro que estuda as relações da literatura infantil com diferentes espaços sociais brasileiros.

REZENDE, Vânia. *Literatura infantil e juvenil: vivências de leituras e expressão criadora*. São Paulo: Saraiva.

- ▶ Trata-se de um livro que relata uma série de experiências bem-sucedidas, desenvolvidas em sala de aula, que articulam leitura literária e produção de texto.

SERRA, Elizabeth d'Angelo. *Trinta anos de literatura para crianças e jovens: algumas leituras*. Campinas: Mercado de Letras, 1998.

- ▶ Trata-se de um panorama bastante amplo da produção mais recente da literatura infantil brasileira.

Sites que discutem leitura e entidades que apóiam projetos de leitura

[www.acaoeducativa.org](http://www.acaoeducativa.org)

[www.alb.com.br](http://www.alb.com.br)

[www.abrelivros.org.br](http://www.abrelivros.org.br)

[www.cbl.org.br](http://www.cbl.org.br)

[www.cenpec.org.br](http://www.cenpec.org.br)

[www.crmariocovas.sp.gov.br](http://www.crmariocovas.sp.gov.br)

[www.expedicaovagalume.org.br](http://www.expedicaovagalume.org.br)

[www.fde.sp.gov.br](http://www.fde.sp.gov.br)

[www.fnlij.org.br](http://www.fnlij.org.br)

[www.brasilleitor.org.br](http://www.brasilleitor.org.br)

[www.itaucultural.org.br](http://www.itaucultural.org.br)

[www.leiabrasil.org.br](http://www.leiabrasil.org.br)

[www.uff.br/facedu/prog.htm](http://www.uff.br/facedu/prog.htm)

[www.cultura.gov.br/progs/proler/proler.htm](http://www.cultura.gov.br/progs/proler/proler.htm)

[www.snel.org.br](http://www.snel.org.br)

[www.amigodolivro.com.br](http://www.amigodolivro.com.br)

[www.autoriaecia.com.br](http://www.autoriaecia.com.br)

[www.bibvirt.futuro.usp.br](http://www.bibvirt.futuro.usp.br)

[www.capitu.com](http://www.capitu.com)

[www.docedeletra.com.br](http://www.docedeletra.com.br)

[www.educarede.org.br](http://www.educarede.org.br)

[www.inep.gov.br](http://www.inep.gov.br)

# Anexo 1

## Roteiro para uma história de leitura

### 1. Qual é sua mais antiga lembrança de leitura?

- lugar (interior ou exterior de prédio);
- postura física (no colo, sentado, deitado, em pé);
- material de leitura (livro, revista; autor; tamanho; memória visual);
- razão da leitura (lazer, oração, dever de escola, curiosidade independente);
- outras pessoas presentes e envolvidas na situação (familiar adulto, familiar infantil, colega, professor, desconhecido).

### 2. Cite entre três e cinco livros ótimos (os melhores!) que leu em sua vida.

### 3. Cite entre três e cinco livros muito ruins (os piores!) que teve que ler em sua vida. (Que situação tornou a leitura obrigatória?)

### 4. Seus professores davam a impressão de gostarem de ler?

### 5. Que livros eles indicavam? E que livros contra-indicavam?

### 6. Que atividades de leitura eles propunham?



## Anexo 2

### HISTÓRIAS DE LEITURA

#### 1.

Eu nasci aqui no mato  
Vivi sempre a trabaíá,  
Neste meu pobre recato,  
Eu não pude estudá.  
No verdô de minha idade  
Só tive a felicidade  
De dá um pequeno ensaio  
In dois livro do iscritô,  
O famoso professô  
Filisberto de Carvaio.  
No primeiro livro havia  
Belas figuras na capa,  
E no começo se lia:  
A pá, o dedo do Papa,  
Papa, pia, dedo, dado,  
Pua, o pote de melado,  
Da-me o dado, a fera é má  
E tantas coisas bonita  
Qui o meu coração parpita  
Quando eu pego a rescordá.

Patativa do Assaré (nome que imortalizou Antônio Gonçalves da Silva),  
poeta e cantador cearense (1909-2002).

#### 2.

Meu pai tinha uma Bíblia que ganhou na Igreja. Todo dia, bem cedinho, acordava a gente, abria a Bíblia ao acaso e lia pra gente o pedaço em que caía. Dizia pra gente decorar, porque o que estava escrito ali ajudava a gente a viver aquele dia. Eu queria muito aprender a ler para

poder ler aquele livrão que ensinava a viver. Meu pai morreu antes de eu ir para a escola. Mas quando aprendi a ler fui pegar a Bíblia que ninguém mais lia e tentei ler como meu pai. Era superdifícil. Meus irmãos riam de mim. Eu não entendia, tinha um monte de palavras difíceis. Mas eu ia lendo. Aí uma vizinha me mostrou o Livro dos Provérbios e os Evangelhos. Aí a leitura foi ficando mais fácil. Os provérbios eram mais curtos, e os Evangelhos tinham histórias do tempo de Jesus. Eu já conhecia algumas dessas histórias. Depois parei de ler a Bíblia. Mas foi ela que me ensinou a ler.

Sydnea Meyer

### 3.

De escola, sou semi-alfabetizado. Já entrei atrasado, com oito anos e meio, e só fiz o primeiro ano. Nem isso. Fui expulso no sétimo mês por discutir como se escrevia “laranja”. Primeiro eles me ensinaram que o “g” e o “j” tinham o mesmo valor; depois, quando escrevi “laranga”, me deram uma nota que eu não pude aceitar. Discuti.

Entrevista de Carlinhos Brown à revista *República*, apud Maria Luiza Abaurre e Marcela Nogueira Pontara. *Português*. São Paulo: Moderna. p. 14.

### 4.

Não gosto de ler. Tenho preguiça. Leio muito devagar porque quando eu era pequeno tinha um problema de visão, que só foi descoberto muito tarde. Até hoje não consigo ler rápido. Perco muito tempo. Prefiro assistir à televisão a ler ou que alguém me faça um resumo do que ler um livro.

Luciano Falcão, 23 anos, microempresário.  
In *Saber: revista do livro universitário*. Ano I, n. 3, jul./ago. 2001. p. 11.

### 5.

Nunca li um livro inteiro. Prefiro ver TV. Não tenho paciência, acho muito chato. Quando algum livro me interessa muito, eu começo a ler, mas perco a paciência e pulo para o final. Mesmo sem entender muita

coisa, gosto de saber se acabou com final feliz. Os meus filhos são a mesma coisa. Eu não entendo como é que uma pessoa tem paciência de ler um bichão desse inteirinho.

Maria do Socorro Silva, 43 anos, camareira. Cursou até a 7ª série.  
In *Saber: revista do livro universitário*. Ano I, n. 3, jul./ago. 2001. p. 11.

## 6.

Comecei minha vida como hei de acabá-la, sem dúvida: no meio dos livros. No escritório de meu avô, havia-os por toda parte; era proibido espaná-los exceto uma vez por ano antes do reinício das aulas em outubro. (...) meu avô — tão canhestro, habitualmente, que minha mãe lhe abotoava as luvas — manejava esses objetos culturais com destreza de oficiante. Eu o vi milhares de vezes levantar-se com um ar ausente, contornar a mesa, atravessar o aposento com duas pernadas, apanhar um volume sem hesitar, sem se dar o tempo de escolher, folheá-lo, enquanto voltava à poltrona com um movimento combinado do polegar e do índice, e depois, tão logo sentado, abri-lo com um golpe seco “na página certa”, fazendo-o estalar como um sapato. (...) No quarto de minha avó os livros ficavam deitados; tomava-os de empréstimo a uma biblioteca circulante e nunca cheguei a ver mais do que dois ao mesmo tempo. (...) após escolher um deles, instalava-se perto da janela, sua *bergère* de orelheiras, punha os óculos, suspirava de ventura e lassitude, baixava as pálpebras com um fino sorriso voluptuoso que vim a encontrar depois nos lábios da Gioconda (...)

J. P. Sartre

## 7.

Eu estava com sete anos e acompanhava a minha mãe por todos os lados. Eu tinha um medo de ficar sozinha. Como se estivesse alguma coisa escondida neste mundo para assustar-me. Eu ainda mamava. Quando senti vontade de mamar comecei a chorar.

Eu quero irme embora!

Eu quero mamar!

Eu quero irme embora!

A minha saudosa professora D. Lanita Salvina perguntou-me: “Então a senhora ainda mama?”

“Eu gosto de mamar.”

As alunas sorriram.

“Então a senhora não tem vergonha de mamar?”

“Não tenho!”

“A senhorita está ficando mocinha e tem que aprender a ler e escrever, e não vai ter tempo disponível para mamar, porque necessita preparar as lições. Eu gosto de ser obedecida! Estais ouvindo-me D. Carolina Maria de Jesus?”

Fiquei furiosa, e respondi com insolência.

“O meu nome é Bitita. Não quero que troque o meu nome.”

“O teu nome é Carolina Maria de Jesus.”

Era a primeira vez que eu ouvia pronunciar o meu nome.

Que tristeza que senti. Eu não quero esse nome, vou trocá-lo por outro.

A professora deu-me umas reguadas nas pernas, parei de chorar. Quando cheguei na minha casa tive nojo de mamar na minha mãe. Compreendi que eu ainda mamava porque era ignorante, ingênua e a escola esclareceu-me um pouco.

Carolina Maria de Jesus, *Meu estranho diário*. p. 173-174.

## 8.

Não gosto de ler livros. Gibi é mais emocionante.

Livro? Gibi é mais emocionante e barato. Desde dez anos leio gibis. Compro de três a quatro revistas por mês e só não compro mais porque é muito caro. Vou à gibiteca de duas a três vezes por semana. O tipo que mais gosto é o que tem histórias de heróis, como o *Fantasma*.

Cláudio Diniz de Oliveira Pereira da Silva, 28 anos, 8ª série completa.  
In *Saber: revista do livro universitário*. Ano I, nº 3, jul./ago. 2001. p. 11.

## 9.

Eu morava na infância numa fazenda na atual cidade de São Joaquim da Barra, naquela época só São Joaquim. (...); então minha vida aos seis, sete anos era junto com meus irmãos e dois cachorros. Nós brin-

cávamos entre nós com pouco contato com as outras coisas. Mas aí já havia um certo número de livros que eu não sei dizer de onde é que vieram, as livrarias em que foram comprados: pertenciam à minha família.

Minha mãe havia morrido, meu pai morava em São Paulo, ele era médico, e eu vivia com meus avós paternos e também no começo com duas tias que ainda não haviam casado, depois se casaram... Então eu herdei um pouco dos livros da família, livros que talvez tivessem sido das minhas tias... Eu sei que havia livros de contos infantis, livros muito comuns naquela época, que eram *Histórias da Carochinha* e *Histórias da Baratinha*. (...)

Essas histórias a gente ouvia freqüentemente também através de pajens, de empregadas. Esse foi, assim, meu primeiro contato com literatura de ficção infantil. Eu ficava muito impressionado sobretudo com alguns contos; por exemplo, um conto que eu sei que é tradicional, de uma madrasta que mata a sua enteada, enterra e, depois, pelos cabelos, a menina, quando a madrasta passa, ela canta alguma coisa.

Outra história que também ficou muito gravada é a história de Genoveva de Brabant. Esta se passa na Europa e a mulher é também vítima de uma mentira; o marido dela vai batalhar longe, nas cruzadas decerto; ela fica sozinha com o filho e inventam que ela teve um caso com outra pessoa, que o filho não é do marido... Então, quando ele volta, ela é desterrada para a floresta juntamente com o filho; os dois ficam abandonados lá...

Eu acho que essas duas histórias me impressionaram muito porque têm um ponto em comum: sempre ou a mulher ou a criança ou ambos são vítimas de injustiças e injustiças contra os mais fracos que não podem se defender, mas no fim a verdade vem à tona em ambos os casos e aí se faz justiça. Mas antes de ocorrer a justiça, se sofria bastante, ouvindo essas histórias.

(...) É interessante porque naquela época... Hoje em dia as pessoas fazem questão de não contar coisas muito impressionantes para crianças. Naquela época não havia isso; nós ouvíamos coisas meio terríficas; as histórias da carochinha tinham freqüentemente esse caráter, inclusive, sobrenatural.

Décio de Almeida Prado. Depoimento cedido em 2 de novembro de 1998 a  
Luciana Gama: Projeto Livrarias, Livreiros e Guardiães.

## 10.

O meu público é o pessoal da favela, é um presente pra eles, uma vingança até. Nunca vi em nenhuma livraria nenhum livro que tivesse a minha cara, a cara deles. Sei que o cara daqui vai ler o livro tomando café gelado, assim como eu escrevi o livro tomando café gelado. É de irmão para irmão, de “mano pra mano”.

Eu ando com um livro pela rua, o cara vem e diz: “Ih, o maluco virou bíblia (crente)”. Ou então fala: “O cara é tão burro que depois de todo esse tempo na escola [ele completou o 2º grau] ainda está estudando”. Minha vontade é acabar com esse preconceito, pegar o cara que nunca leu um livro e mostrar que pode ser bom, melhor do que o bar e a conversa do pastor.

Depoimento de Ferréz, autor de *Capão Pecado*.

# Anexo III

## PEQUENA ANTOLOGIA

Todos os textos literários incluídos neste Anexo são de domínio público, isto é, sua reprodução é permitida por lei. A Lei de Direitos Autorais vigente no Brasil estabelece que, de modo geral, após 70 anos da morte de um autor suas obras passam a domínio público, isto é, nem seus editores nem seus herdeiros podem embargar sua reprodução.

### Questão brocardo

Pife, pufe, pafe, pefe  
pafe, pefe, pife, pufe –  
A cacholeta no chefe –  
Pife, pufe, pafe, pefe  
Estoure como um tabefe  
E o ventre de raiva entufe –  
Pife, pufe, pafe, pefe  
Pafe, pefe, pife, pufe!

Cruz e Souza. *O livro derradeiro*.  
Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1995. p. 338.

.....

Canta, canta Coleirinho,  
Canta, canta, o mal quebranta;  
Canta, afoga mágoa tanta  
Nessa voz de dor partida;  
Chora, escravo na gaiola  
Terna esposa, o teu filhinho,  
Que, sem pai, no agreste ninho,  
Lá ficou sem ti, sem vida.

Luis Gama

## Cantiga

Em um castelo doirado  
Dorme encantada donzela;  
Nasceu — e vive dormindo  
— Dorme tudo junto dela.

Voam os sonhos errantes  
Do leito sob o dossel,  
E suspiram no alaúde  
As notas do menestrel.

Adormeceu-a sonhando  
Um feiticeiro condão,  
E dormem no seio dela  
As rosas do coração.

E no castelo, sozinha,  
Dorme encantada donzela:  
Nasceu — e vive dormindo  
— Dorme tudo junto dela.

Dorme a lâmpada Argentina  
Defronte do leito seu:  
Noite a noite a lua triste  
Dorme pálida no céu.

Dormem cheirosas abrindo  
As roseiras em botão,  
E dormem no seio dela  
As rosas do coração!

Álvares de Azevedo. *Obras completas de Álvares de Azevedo*. Homero Pires (org.). São Paulo: Nacional, 1942, 1º Tomo. p. 92-93.

---

## Sonhei que era um gatinho

Sonhei que era um gatinho  
— Miau!... miau!...  
Que ia por um caminho  
— Miau!... miau!...  
Perseguindo um ratinho  
— Miau!... miau!...  
E ao ver-me pertinho  
— Miau!... miau!...  
Gemia o bichinho  
Que mau!... que mau!...

Correia Júnior. *Barquinho de papel*  
(poesias infantis), s/ed. 1961. p. 17.



Ó tu  
Que és presidente  
Do Conselho Mu  
Nicipal,  
Se é que tens Mu  
Lher e filhos  
Manda tapar os bu  
Racos da rua dos Junquilhos

Arthur de Azevedo,  
morador na Rua dos Junquilhos (Santa Thereza, RJ)

---

### **O carço**

Eu comi, ontem no almoço,  
a azeitona de uma empada;  
depois botei o carço  
sobre a toalha engomada.

Toda pessoa de linha,  
de educação e de trato,  
o osso, o carço, a espinha  
põe num cantinho do prato.

Mas a mamãe logo nota  
e me ensina com carinho:  
— O carço não se bota  
sobre a toalha, meu benzinho.

Eu depressa lhe respondo  
Com respeitoso carinho:  
Mas o meu prato é redondo,  
Meu prato não tem cantinho...

O que ela me diz eu ouço  
sempre, com toda a atenção  
e perguntei-lhe: — o carço,  
mamãe, onde boto, então?

Bastos Tigre, *apud* Alaíde Lisboa de Oliveira, Zilah Frota e Marieta Leite. *A poesia no curso primário*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1939. p. 84.

## Presente de anos

Diz à mulher o Vicente  
— Tu não achas, meu amor,  
Que hoje, anos do professor,  
Devemos dar-lhe um presente?

E discutem todo o almoço,  
Que presente deve ser  
E já de tanto escolher  
Vão formando um alvoroço.

Com certeza, ele é tão bom,  
Trata tão bem o Juquinha...  
Já era lembrança minha,  
Mandarmos, que é do bom tom

Juquinha, que escuta quieto,  
Tão tola e simples questão,  
Pra acabar a discussão,  
Apresenta este projeto:

Que deve ser? Vamos, fala:  
Um bom livro, alguma jóia,  
Aquele quadro de Goya,  
Um cachorrinho, uma bengala...?

Nada de presentes finos.  
Dêem cousa que mate a fome  
Que ele é tão pobre, que come  
Nas panelas dos meninos.

Olavo Bilac

---

## Prima pulga (Sergipe)

Prima pulga está doente,  
Muquirana está parida,  
Meu compadre percevejo  
Stá de espinhela caída.

Batata não tem caroço,  
Bananeira não tem nó;  
Pai e mãe é muito bom,  
Barriga cheia é melhor.

Silvio Romero. *Folclore brasileiro* (1: Cantos populares do Brasil. Tomo II). Col. Documentos Brasileiros. Ed. anotada por Luís da Câmara Cascudo e ilustrada por Santa Rosa. Rio de Janeiro: José Olympio, 1954. p. 431.

### **Velha anedota**

Tertuliano, frívolo peralta,  
Que foi um paspalhão desde fedelho,  
Tipo incapaz de ouvir um bom conselho,  
Tipo que morto não faria falta;

Lá um dia deixou de andar à malta,  
E, indo à casa do pai, honrado velho,  
A sós na sala, em frente de um espelho,  
A própria imagem disse em voz bem alta:

— Tertuliano, és um rapaz formoso!  
És simpático, és rico, és talentoso!  
Que mais no mundo se te faz preciso?

Penetrando na sala, o pai sisudo  
Que, por trás da cortina ouvira tudo,  
Severamente respondeu: — Juízo.

Artur Azevedo

.....

### **Menina a la moda**

“— Ai, Maria! vem depressa,  
Desaperta este colete!  
Eu me sufoco... ai, já temo  
Estourar como um foguete!”

“— Nhanhanzinha está tão bela!  
Mas, enfim, dá tantos ais...”  
“— Oh! espera! Estou bonita?  
Pois então aperta mais.”

Joaquim Manuel de Macedo, apud Eugenio Werneck, *Antologia Brasileira*.  
Francisco Alves, 23. ed., 1943. p. 459.

Quando me vires sem vida,  
Ah, não chores, não por mim,  
Deixa que o Caracarái  
Deplore o meu triste fim.

Quando me vires sem vida,  
Atira-me à selva escura,  
Que o tatu há de apressar-se  
Em me dar a sepultura.

Perfumada laranjeira,  
Linda assim dessa maneira,  
Sorrindo à luz do arrebol,  
Toda em flores, branca toda,  
— Parece a noiva do Sol  
Preparada para a boda.

E esposa do Sol, que a adora,  
Com que cuidados divinos  
Curva elas os ramos, agora!  
E entre as folhas abrigados,  
Seus filhos, frutos dourados,  
Parecem sóis pequeninos

Júlia Lopes Almeida e Afonso Lopes Almeida. *A árvore*. Rio de Janeiro:  
Francisco Alves, 1916. p. 140.

.....

### **Um rancho de sapé**

Um rancho de sapé. O sol declina.  
Num banco, uma cabeça de repolho,  
Co'á peneira no colo, nhá Firmina  
Cata o feijão para botar de molho

Cornélio Pires, *apud* Macedo Dantas. *Cornélio Pires: criação e riso*. São Paulo:  
Duas cidades/Secretaria da Cultura, Ciência e Tecnologia. p. 72.

### “Minerva” Navio Negroiro

Agora sinhô baranco  
Q’outro galo já canto,  
Sumcê passa p’ra traz  
— Eu p’ra flente vou!

Pai Manué – imperandô  
Mãi Maria Peratrizi,  
O Duão será doutô  
E mana Eva baxatrizi.

Pois, sumcê lisencioso  
Do serebiço do tição,  
Acha bom, acha gossitoso  
Amburi a cravidão ?!...

Victo, que é fahapo  
Pode sê inbaixandô:  
Pedro tem consurhado  
E é Jorge senhandô!

Pringaceza redemtôra  
Tem que dá seu rhugá,  
A princesa dictadôra  
Mãi Maria do tunda.

Pois, sumcê licencioso  
Da famia do tição...  
Dirheitinho, abre zóio  
P’ra não levá bofetão?!

Dando cumprimento di óridi de maiorá, mandô primi berrhiço que sitá crito  
ni quaquê com bléma di nabio qui nosso transipotô para têra di baranco,  
onde nosso ficou si cravo até 13 di Maio do 1888. Acaay-acay amollorum.

Chuta di Zambezy, 3 di Marhiço do anno di centenaio di Bassitia di  
1889 – Libredade – Gungo Moquiche, zi crivinhandô

Poema de Gungo Moquiche. Coleção Pedro Correia do Lago. Apud *Em torno de Zumbi Navio Negroiro*, Batuque no Quilombo. (Estação Ciência, USP, CNPq.)

.....

Quadra do Pará, comprobativa de um período de justaposição do  
Português e do Tupi (coligida pelo Dr. Couto de Magalhães).

Te mandei um passarinho  
Patuá, mire, pupé;  
Pintadinho de amarelo  
Iporanga ne iaué.

Silvio Romero. *Folclore brasileiro* (1: Cantos populares do Brasil. Tomo II). Col.  
Documentos Brasileiros. Ed. anotada por Luís da Câmara Cascudo e ilustrada por  
Santa Rosa. Rio de Janeiro: José Olympio, 1954. p. 539.

Nitio xá potar cunhang  
Setuma sacai waá;  
Curumu ce mana mamane  
Bóia sacai majauê

Nitio xá potar cunhang  
Sakiva-açu waá:  
Curumu ce mouto-montoque  
Tiririca majaué

Texto recolhido por Spix e Martius, por testemunho de pessoa familiarizada com a povoação dos Maués. *Apud* Joaquim Norberto de Sousa e Silva.

*História da Literatura brasileira e outros ensaios.*

Org., apres. e notas de Roberto Aízel. Fundação Biblioteca Nacional. Zé Mário Editor. Rio de Janeiro, 2002. p. 204-206.

(O texto de Joaquim Norberto foi originalmente publicado na *Revista Popular* out./dez. 1859. Spix e Martius percorreram o Brasil entre 1817- 1820.)

.....

Não quero mulher que tenha  
As pernas bastante finas,  
A medo que em mim se enrosquem  
Como feras viperinas.

Também não quero que tenha  
O calo assaz comprido,  
Que em matos de tiririca  
Achar-me-ia perdido

Scha Mann ramaé curi  
Tejerru iaschió  
Aiqué Caracará-í  
Serapiró aramu curi

Scha Mann ramaé curi  
Se nombôre caá puterpi  
Aiqué Tatu memboca  
Se jutuma aamú curi

Texto recolhido por Spix e Martius, e atribuído à tradição Guaicuru

## Cricri

Cricri é um gato pintado  
Mui cheio de valentia,  
Que por cima do telhado  
Costuma dormir de dia.

Depois Cricri satisfeito  
Pôs-se a miar muito alto,  
E foi parar no terreiro  
Por meio de um grande salto.

Ontem, de manhã cedinho,  
Vi Cricri lavando o rosto  
Com cuspe... Fiquei quietinho  
Para vê-lo bem a gosto.

Era um ratinho imprudente,  
Que do buraco saíra  
E em que o meu gato valente  
Pusera de pronto a mira.

Presciliana Duarte Almeida. *Páginas infantis*. São Paulo: Typografia Brazil de Rothschild & Co., 1910. p. 35-36.

---

## Soneto de Natal

Um homem, — era aquela noite amiga,  
Noite cristã, berço do Nazareno, —  
Ao relembrar os dias de pequeno,  
E a viva dança e a lépida cantiga,

Quis transportar ao verso doce e ameno  
As sensações de sua idade antiga,  
Naquela mesma velha noite amiga,  
Noite cristã, berço do Nazareno.

Escolheu o soneto... A folha branca  
Pede-lhe inspiração; mas, frouxa e manca,  
A pena não acode ao gesto seu.

E, em vão lutando contra o metro adverso,  
Só lhe saiu este pequeno verso:  
Mudaria o Natal ou mudei eu.

Machado de Assis

Estrelas  
Singelas  
Luzeiros  
Fagueiros,  
Esplêndidos orbes, que o mundo aclarais!  
Desertos e mares, — florestas vivazes!  
Montanhas audazes que os céus topetais!  
Abismos  
Profundos  
Cavernas  
Externas!  
Extensos,  
Imensos  
Espaços  
Azuis!  
Altars e tronos,  
Humildes e sábios, soberbos em grandes!  
Dobrai-vos ao vulto sublime da cruz!  
Só ela nos mostra da glória o caminho,  
Só ela nos fala das leis de – Jesus

*Poesias completas de L.N. Fagundes Varela. Terceiro volume, org. e apuração de texto de Miécio Tati e E. Carrera Guerra. São Paulo: Nacional, 1957. p. 333.*





## Linguagem e letramento em foco

A coleção "Linguagem e Letramento em Foco" compõe-se de 10 livros, distribuídos entre seis diferentes áreas. Esses 10 volumes foram especialmente desenvolvidos para os cursos do Cefiel – Centro de Formação de Professores do Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), apoiado pela Rede Nacional de Formação Continuada de Professores (SEB / MEC).

As áreas e os títulos da coleção:

### Linguagem e educação infantil

- *A criança na linguagem*

### Linguagem nas séries iniciais

- *Meus alunos não gostam de ler...*
- *Preciso “ensinar” o letramento?*

### Língua portuguesa

- *Aprender a escrever (re)escrevendo*
- *Multilingüismo*
- *O trabalho do cérebro e da linguagem*

### Formação do professor indígena

- *Línguas indígenas precisam de escritores?*
- *O índio, a leitura e a escrita*

### Letramento digital

- *Letramento e tecnologia*

### Ensino de línguas estrangeiras

- *LEs no Brasil: história e histórias*